

A tropa de choque de Cardoso

■ Presidente forma grupo no Congresso para garantir a aprovação das reformas

ILIMAR FRANCO E
CARMEN KOZAK

BRASÍLIA — Os parlamentares que garantiram até agora a formação no Congresso de uma esmagadora maioria governista e a aprovação de propostas de emendas à Constituição se organizaram de tal modo que estão sendo chamados de *Swat*, a polícia americana de elite. Voluntariosos, com o trabalho de cada um bem delimitado, esta nova *tropa de choque* (o governo Collor também teve a sua) aprendeu que as disputas pessoais não podem — pelo menos por enquanto — comprometer as votações. “Se ficar com muita ciúmeira, todo mundo perde”, explica o presidente do PFL, Jorge Bornhausen, que observa atentamente os passos do grupo.

Conduzidos com firmeza pelo presidente, que assumiu a coordenação política das reformas, o grupo de parlamentares da linha de frente do governo passou um rolo compressor por cima da oposição na Câmara e promete fazer o mesmo no Senado.

As vésperas das votações importantes, eles fizeram o máximo para unificar as ações. Calejados, amargam até hoje os desastres provocados pela aprovação, no Senado, do projeto de lei que tabelou os juros em 12% ao ano e da derrubada do veto que mantinha a TR (Taxa Referencial) como indexador das dívidas dos agricultores. “Agora, acertamos o passo”, diz o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE).

Este acerto garantiu o *passeio* das reformas econômicas na Câmara. “Só não pode é ficar de salto alto”, previne o vice-líder do governo na Câmara, Benito Gama (PFL-BA). A divisão das tarefas foi idealizada pelo líder do grupo, o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA). Mas o trabalho é reformulado, sempre que necessário, por Cardoso. “O presidente é o articulador político do governo”, diz o vice-líder do PSDB, Arthur Virgílio (AM).

Tarefas — Os integrantes da *Swat* são divididos em grupos: os que fiscalizam o quórum, os que conver sam com a esquerda, os que vigiam as insatisfações, os que velam pelos humores dos fisiológicos. Inocêncio, por exemplo, é quem fala melhor com os fisiológicos de todos os partidos. Foi ele que detectou que a ameaça de rebelião do PL e do PTB, antes da votação da emenda das telecomunicações, não passava de pressão por cargos.

No combate às ausências, to-

dos trabalham. Os mais dedicados, no entanto, são os deputados Jackson Pereira (PSDB-CE), Benito Gama e Inocêncio. A *tropa* das reformas é integrada por parlamentares do PSDB, do PFL e do PMDB, e foi tomando corpo e se consolidando durante o processo de aprovação das emendas.

Luís Eduardo é o mais importante do grupo: garantiu o ritmo de trabalho e concentrou as votações em apenas dois dias da semana, terças e quartas-feiras, e aprovou as emendas mais polêmicas — petróleo e telecomunicações — com a presença de quase todos os deputados em plenário.

Para garantir o apoio da maioria dos deputados do PMDB, o líder da bancada, Michel Temer (SP), passou a realizar reuniões semanais com ministros, para discutir o conteúdo das emendas.

Bastidores — O presidente da Comissão Especial de Petróleo, deputado Alberto Goldman (PMDB-SP), também teve atuação destacada na votação da emenda mais difícil, a do petróleo. Goldman trabalhou intensamente nos bastidores, organizou reuniões para discutir a proposta com as bancadas regionais, especialmente aquelas onde havia maiores resistências, como as da Paraíba, de Minas Gerais, do Ceará, do Pará e de Goiás. “Tentei mostrar a eles que a flexibilização não acabava com a Petrobrás”, contou.

Comandante do mais fiel aliado do governo, o PFL, Inocêncio conseguiu garantir a unanimidade de seu partido — 96 deputados — no apoio às reformas. “O PFL está ao lado do governo porque isso é bom para o país. O partido é governo no ônus e no bônus”, diz. Quando viu, antes das votações, que as reformas corriam perigo por causa das propostas de mudança na Previdência, foi o primeiro líder dos partidos governistas a propor seu adiamento.

Controlar os ausentes e contornar as rebeliões foram as principais tarefas dos vice-líderes do governo, Benito Gama e Jackson Pereira. Foram eles que vocalizaram o descontentamento das bases governistas com a reforma administrativa na Caixa Econômica Federal e o fechamento de agências do Banco do Brasil. Luís Carlos Santos e o líder do governo no Congresso, deputado Germano Rigotto (PMDB-RS), ajudaram a apagar o maior de todos os incêndios — o da bancada ruralista, que exigiu facilidades no pagamento da dívida agrícola.



A tropa de choque de Cardoso conquistou a maioria esmagadora na votação das reformas e passou como um rolo compressor sobre a oposição